

A CONSTRUÇÃO DA EMPATIA MUSICAL: UM ALICERCE NA AJUDA PROFISSIONAL DO MUSICOTERAPEUTA.

Dionatan Matos dos Santos⁴¹

RESUMO

Propõe-se neste artigo uma reflexão a respeito da empatia musical como sendo a base pelo qual o musicoterapeuta faz suas intervenções através da música. Compreender a empatia na experiência musical dentro do contexto musicoterapêutico tem importantes implicações. Esse entendimento é apresentado aqui por meio de metodologia de pesquisa qualitativa, bibliográfica; e entrevistas semi-estruturadas com duas profissionais musicoterapeutas. Desta forma, no decorrer do trabalho são esclarecidos os diversos modos pelos quais o musicoterapeuta consegue compartilhar da experiência musical do cliente a partir de um entendimento das suas atitudes, sentimentos e valores pelos quais ocorre o interesse por determinada música ou estilo musical.

Palavras-chave: musicoterapeuta – música—empatia musical.

1. INTRODUÇÃO

No campo de atuação profissional do musicoterapeuta existe uma grande diversidade de clientes. No relacionamento entre musicoterapeuta e cliente, torna-se imprescindível que o musicoterapeuta saiba lidar com seus próprios valores, crenças e atitudes, para poder compreender e ajudar o outro em sua singularidade.

Por ajuda entende-se “tornar mais fácil; facilitar, propiciar [...] desatramancar, desembaraçar, desobstruir” (HOUAISS, 2001). Há várias espécies de relações de ajuda, como exemplo, ajuda entre amigos, entre pais e filhos, professor e aluno.

Na Musicoterapia existe um tipo de ajuda unilateral assimétrica, do musicoterapeuta para com o cliente. Este profissional favorece, facilita, propicia, e auxilia o cliente a fazer modificações em sua vida. Essa ajuda é fundamentada

⁴¹ Musicoterapeuta formado pela Faculdade de Artes do Paraná. Experiência no atendimento de musicoterapia no sistema Home Care de saúde, através do programa Saúde da Família, na área de cuidados paliativos (idosos em estado terminal). Atualmente cursando especialização em gestão e promoção da qualidade de vida (PUC-PR). E-mail: dionatansolmaior@hotmail.com

pela empatia, base de todas as intervenções de um musicoterapeuta (BRUSCIA, 2000).

Por empatia, entende-se “o processo de identificação em que um indivíduo se coloca no lugar do outro, e, com base em suas próprias suposições ou impressões, tenta compreender o comportamento do outro [...] (HOUAISS, 2001)”. Neste artigo o termo ‘empatia musical’ designa um processo em que estando em um contexto terapêutico, o musicoterapeuta compreende a experiência musical do cliente e lhe comunica seu entendimento.

A empatia pode se manifestar de formas variadas, sendo que existem muitos canais de interação empática (JORDÃO, 1987). Neste sentido, a música é um meio pelo qual a empatia acontece (BRUSCIA, 2000). Desta forma, ‘empatia musical’ é um termo proposto pelo autor deste artigo, sendo fundamentado por várias fontes: entrevista com profissionais musicoterapeutas; os valores musicais universais AIGEN (2005); empatia cultural BROWN M. J (2002); e o gosto musical CARVALHO (2007) JANOTTI (2007).

2. METODOLOGIA

No entendimento da empatia musical, esta pesquisa conta com dados importantes provindos de entrevistas semi-estruturadas, com autorização prévia dos profissionais entrevistados, que foram gravadas em áudio.⁴² Foram entrevistadas duas musicoterapeutas na cidade de Curitiba, Paraná. Para preservar a identidade desses entrevistados, os nomes citados são fictícios. Neste sentido, o objetivo é apresentar possíveis diferenças e semelhanças no conceito de empatia musical.

PROFISSIONAIS ENTREVISTADAS	FORMAÇÃO
Sofia	Musicoterapeuta formada pela FAP. Também conta com graduação em Música (EMBAP), mestre em Psicologia da Infância e do Adolescente (UFPR), e é doutoranda em Educação (UFPR). Tem 11 anos de prática clínica como Musicoterapeuta.
Isabel	Musicoterapeuta, especialista em Música Popular Brasileira, e mestre em Música. Tem 19 anos de prática clínica em diversas instituições e atualmente trabalha em consultório particular.

Quadro 01

⁴² Foram realizadas transcrições literais das entrevistas, porém, foram realizados alguns recortes com alguma adaptação para a linguagem escrita sem que houvesse perda no conteúdo.

3. EMPATIA MUSICAL

A palavra 'empatia' vinda da tradução do alemão *Einführung* significa literalmente "sentir dentro". "É derivada do grego *pathos*, que quer dizer um sentimento, forte, profundo, semelhante ao sofrimento, e tendo como prefixo a preposição *in*" (MAY, 1977, p. 65). Na literatura musicoterápica, autores como BLASCO (2002), BRIGHT (1991), BRUSCIA (2000), BROWN (2002) citam a empatia como um componente fundamental na forma do musicoterapeuta ajudar o cliente.

Para Isabel, a empatia musical é uma construção, fruto de uma parceria entre musicoterapeuta e cliente. Há nessa construção, uma espécie de filtro sendo tudo aquilo que o musicoterapeuta assimilou do cliente. Um filtro tem a função de selecionar de fato aquilo que é mais importante, a essência do que o outro diz, canta, toca, faz. Ao se deixar influenciar pelo outro o musicoterapeuta agrega à sua forma de tocar, características desse cliente, o que é importante para o surgimento de um ambiente de aceitabilidade musical.

*[...] O que foi aprendido do cliente, ele (o musicoterapeuta) pode agregar à sua forma de tocar e assim visualizar o que possa ser esse ambiente de aceitabilidade musical do cliente, que a meu ver ultrapassa simplesmente se eu gostei da música que ele escolheu ou que ele trouxe, se eu gostei da performance dele na improvisação.
[...] (Isabel, Musicoterapeuta entrevista pelo autor em 06/09/2007)*

Isabel ainda enfatiza a necessidade de se estar com o outro e não para o outro. "[...] Ao musicoterapeuta o conhecimento musical e a fluência na lida musical agregada à disponibilidade, à abertura pra estar com o outro e não para estar para o outro, mas estar com o outro [...]".

A construção mútua da empatia musical envolve essa relação de acompanhamento e não simplesmente de cantar para alguém. Isso não significa que a relação de ajuda na terapia seja mútua e recíproca. Sabe-se que a relação é assimétrica, pois é o musicoterapeuta quem tem a missão de ajudar o cliente e não o contrário. No entanto, uma possível melhora na condição de saúde do cliente, não é uma meta que deve ser alcançada apenas pelo musicoterapeuta, o cliente também tem certa responsabilidade e uma parcela de atuação na construção desta ajuda, pois ele também tem que dar os passos necessários para alcançar e manter a saúde (BRUSCIA, 2000).

Para Sofia, a empatia também é fruto de uma parceria nesta relação de ajuda. Ela cita a importância de se descobrir a pessoa que é o cliente, sua história de vida, e ter um domínio do repertório pelo qual este indivíduo aprecia. Estas atitudes ajudam para que haja 'ambientação afetiva' na qual a empatia se estruture.

Sofia, assim como Isabel, compreende a empatia musical no âmbito da sua construção mútua. Sofia enfatiza a idéia de que o musicoterapeuta precisa se colocar como pessoa na relação para dar o que ela chama de 'ambientação afetiva'. Ser pessoa envolve o terapeuta no desafio de se permitir ser conhecido pelo outro, para que exista uma troca. [...], e também é preciso que haja uma permissão do terapeuta de ser conhecido pelo outro pra que ela (a empatia) se estruture e permeie o encontro, o trabalho terapêutico [...](Sofia).

O conhecimento efetivo de seu jeito de ser, sua história de vida, sua musicalidade, juntamente com o domínio da comunicação musical; dão sustentação para que o musicoterapeuta se revele na relação com o cliente.

4. GOSTO MUSICAL: crenças e valores

Quando se trata de empatia musical é preciso considerar que gosto musical e estilo de vida têm uma profunda relação. Quando o cliente expressa uma preferência pelo rock, MPB, pagode ou quaisquer outros estilos, está presente nessa mensagem um jeito de ser. [...]“Así la escucha de diferentes estilos musicales revelará facetas de nuestro Ser” (DELANNOY, 2007, p. 204). Pode haver uma identificação ou atração do cliente para com a atitude de determinado cantor e/ou banda, no que se refere à performance, vestuário, ideologia presente na letra das canções e demais características sejam elas musicais ou não, presentes no artista preferido. Esse artista pode representar para o cliente um jeito de se expressar no mundo através da música, especificamente dentro do gênero e estilo musical.

Os gêneros, e mais precisamente os estilos musicais são considerados como possíveis lugares para o encontro (BRANDALISE, 2003). Assim, torna-se imprescindível que o musicoterapeuta tenha um domínio dos estilos musicais que caracterizam o repertório do cliente.

[...] Você tem que conhecer muito repertório musical. Além disso, ir atrás dele pra dominá-lo, quando você precisa daquela canção, daquele estilo musical, tem que passar pro seu instrumento, tem que passar pra tua voz [...].(Sofia, musicoterapeuta entrevistada pelo autor em 18/09/2007).

Com tanta variedade musical no mundo, existe uma grande diversidade de gosto, prática e entendimento da música. BROWN (2002) assinala a importância da empatia cultural para que o musicoterapeuta possa compreender o entendimento do cliente sobre a música, partindo de sua cultura. Torna-se necessário para o musicoterapeuta estudar a cultura em que o cliente está inserido, pois a empatia tem diferentes formas de expressão e significado em diferentes culturas (ARREDONDO, apud BROWN 2002).

A prática da empatia é diferente entre as culturas, porque há diversidade na expressão dos valores. No entanto, ao tratarmos de empatia musical, considera-se o conceito de música apresentado pela Musicoterapia musico-centrada. Nesta abordagem, música é mais que uma ferramenta ou veículo de terapia, é um modo de estar com as pessoas, sendo que isto envolve valores especiais que constituem o fundamento para a prática musicoterapêutica AIGEN (2005). Este autor afirma que apesar da diversidade cultural, a música contém valores universais.

Há determinadas situações em que é difícil a possibilidade de empatia musical, devido às diferenças de valores, e a falta de algo que aproxime musicoterapeuta e cliente. Sofia fala desta dificuldade “[...] mas ela (cliente) fica do lado dela e eu fico do meu [...] não tem nada que comunique [...]” (Sofia).

Valores musicais universais talvez sejam o início de uma comunicação, aproximando e quebrando barreiras entre as pessoas. Um desses valores é a exigência da escuta. Quando duas ou mais pessoas estão juntas para fazer música, é necessário que cada um escute a si mesmo e aos outros. Esta escuta cuidadosa tem sua importância no contexto clínico. A qualidade da música está diretamente relacionada com a capacidade de escuta das pessoas que a criaram (AIGEN, 2005).

Outro valor musical universal é o entendimento do silêncio (AIGEN 2005). O significado do silêncio como sendo um momento de espera, pausa que é sinônimo não de isolamento, mas sim de conexão musical. Silêncios bem colocados podem evocar a musicalidade dos clientes, tanto como inspirar intervenções musicais (AIGEN, 2005).

No entanto, como reconhecer a possibilidade de valores musicais universais se há tantas diferenças nas práticas musicais de acordo com cada cultura? Diante desse questionamento AIGEN (2005) assinala que é importante distinguir o comportamento superficial das convicções que lhe são subjacentes. Por este viés, tanto o silêncio quanto a escuta, são aspectos necessários para atividade musical. Esta é a convicção subjacente, raiz desses valores em todas as culturas. Pode acontecer uma variação no modo como cada cultura e/ou indivíduo tem uma atitude de silêncio e escuta na experiência musical. Mas a base desses valores são as mesmas em todas as culturas (AIGEN, 2005).

Ao ter um objetivo e sentido na produção musical, o silêncio é um convite e um estímulo para pôr em ação a musicalidade do cliente. A escuta atenta é uma demonstração de que o musicoterapeuta está compreendendo o cliente em sua manifestação sonoro-musical, "sem críticas inibidoras, por mais que esta produção lhe soe desagradável" (COSTA, 1999, p. 39).

Juntos, esses dois valores permeiam o encontro, são presentes na empatia musical e podem contribuir para que as diferenças se encontrem, confrontam-se, e sejam recriadas, tornando relação empática (FONSECA, 1997).

Então, quando a preferência musical do cliente não é a mesma do terapeuta, isto não constitui impedimento para que haja empatia. O que pode acontecer é que o terapeuta, por não gostar, não se identifique com o estilo musical do cliente. Porém a empatia não depende de que haja identificação, mas sim, aceitação não apenas da música em si, mas sim de toda intencionalidade, afetos, valores que estão envolvidos nessa música.

Ao entender o gosto musical do cliente, é preciso valorizar sua música, seu estilo. O gosto é a sintonia com determinados valores que estão marcados por afetos (JANOTTI, 2004). O refrão de uma canção, por exemplo, é um modo de destacar uma idéia. “A repetição presente nos gêneros musicais massivos pressupõe o investimento em determinados valores” (JANOTTI, 2004). Ou pode acontecer do cliente pedir com frequência as mesmas canções. E ainda dentro da estrutura destas canções, o cliente demonstra sua preferência por alguma parte da letra ou por alguma parte da melodia, ritmo, ou harmonia.

Não se trata de ouvir para gostar da música do outro. Uma experiência musical compartilhada não precisa ter como objetivo a unificação de gostos, mas sim a aceitação e compreensão mútua. Em nossa sociedade, sons desagradáveis são logo descartados, e com isso nossa escuta se limita a ouvir somente o que nos interessa de acordo com nossos desejos hedonistas. E como isto dificulta o estabelecimento da empatia musical, pois ela nutre-se justamente das diferenças. E quando se evita o “desagradável”, se evita o distinto, e assim a empatia não cresce, não se desenvolve.

O querer pode estar ligado apenas aos interesses hedonistas de nossa sociedade. Interesses esses, que levam a uma escuta egoísta e não compartilhada com os outros. Carvalho (1999) aborda esta questão quando se refere ao uso dos *walkmans*, e no início deste século pode se estender ao uso do *iPod* e *Mp3 player*. “[...] Ouvir não é mais ouvir com os outros, ou até ouvir para os outros, como o sonharam sempre os pensadores humanistas que refletiram sobre a música, mas ouvir para si e ninguém mais” (CARVALHO, 1999).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, o fator tempo é primordial na construção da empatia. É preciso tempo para que a empatia não seja simplesmente uma técnica, mas que ela tenha raízes profundas na personalidade do musicoterapeuta. A empatia é um hábito que se faz pela repetição das atitudes de consideração e respeito pelo universo distinto que constitui cada ser humano. Este hábito, provavelmente se faz à custa de um demasiado esforço. Todavia são esforços que promovem um melhor profissional, e conseqüentemente os clientes sentem-se mais compreendidos, aceitos e modificados em sua saúde. Além disso, sentindo-se

compreendido, o cliente adquire um modelo de empatia (BRUSCIA 2000) que o ajuda na relação consigo mesmo e com os outros.

Referências Bibliográficas

- AIGEN, Kenneth. **Music-centered Music Therapy**. USA: Barcelona Publishers, 2005.
- BLASCO, P. Serafina. **Compêndio de Musicoterapia**. Volume 1. 2ª ed. Barcelona: Herder, 2002
- BRIGHT, Ruth. **La Musicoterapia en el tratamiento geriátrico: una nueva visión**. Buenos Aires: Bonum, 1991.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- DELANNOY, Luc. **La Conciencia Musical. Anais do 3º I Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- HOUAISS. **Dicionário HOUAISS da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JORDÃO P. M. **Aconselhamento Psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: E.P.U., 1987.
- MAY Rollo. **A Arte do Aconselhamento Psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1977.

Referências Eletrônicas

- BROWN, Julie (2002). **Towards a Culturally Centered Music Therapy Practice**. [online] *Voices: A World Forum for Music Therapy*. Disponível em [http://www.voices.no/mainissues/Voices2\(1\)brown.html](http://www.voices.no/mainissues/Voices2(1)brown.html). Acesso em: 10 jan. 2008.
- CARVALHO, J. J. **Transformações da sensibilidade musical contemporânea**. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie266empdf.pdf>> Acesso em: 28 jun. 2007.
- FONSECA, A. **As condições facilitadoras básicas como princípios de método fenomenológico-existencial: A Relação Empática. Empatia e Dialogicidade**. Disponível em <<http://www.encontroacp.psc.br/empatia.htm>> Acesso em 11 jun. 2007.
- JANOTTI, S. Jeder. **Gêneros Musicais, performance, afeto e ritmo: uma proposta de análise midiática da música popular massiva**. Disponível em <<http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/pdfdez04/ensaiojeder.pdf>> Acesso em: 26 ago. 2007.